

TENSÃO NO ORIENTE MÉDIO

Mais de 60 mortos em Gaza

Exército israelense ataca civis que estariam à espera de distribuição de comida por organizações humanitárias, segundo relatos. Primeiro-ministro espanhol cobra da União Europeia suspensão de acordo com Israel, mas fica isolado

Por pelo menos 63 pessoas morreram após ataques do exército israelense, ontem, na Faixa de Gaza — cuja guerra não cessa desde 7 de outubro de 2023. De acordo com relatos à AFP, as vítimas foram mortas enquanto esperavam por doações de comida. Após mais de 20 meses de conflito, os mais de 2 milhões de habitantes da região enfrentam condições próximas à inanição, sem o mínimo alimentos nem bebidas, denunciando grupos de defesa dos direitos humanos.

Os ataques ocorreram na cidade de Deir al Balah, no centro de Gaza. A Defesa Civil acrescentou que sete palestinos, inclusive uma criança, morreram em ataques israelenses contra veículos perto de Khan Yunis, ao sul, e contra civis no campo de refugiados de Nuseirat, no centro do território. O exército israelense informou que está investigando os relatos de feridos perto do corredor de Netzarim (centro), onde pessoas estavam concentradas.

A justificativa dos soldados israelenses é de que tiveram de atirar como alerta porque as pessoas se aproximavam de forma suspeita. O exército insiste que mantém a ofensiva para “aniquilar” o Hamas. A região está devastada, organizações governamentais acusam de total impossibilidade de buscar a estabilidade na área.

Genocídio

Para o primeiro-ministro da Espanha, Pedro Sánchez, o episódio é inadmissível. Ele chamou a situação de “situação catastrófica de genocídio” e convocou o encarregado de Negócios de Israel em Madri. O espanhol cobrou do israelense as críticas feitas a ele. Em comunicado, o diplomata classificou como “inaceitável” o comentário do chefe de governo e

AFP



Palestino examina corpo de uma das vítimas no hospital Al-Shifa, na Cidade de Gaza, há informações de crianças e mulheres

reagiu, dizendo que a Espanha está do “lado errado” da história e do uso da expressão “genocídio” em Gaza.

A guerra em Gaza foi um dos principais temas da reunião da Cúpula da União Europeia, em Bruxelas. Sánchez cobrou da União Europeia a suspensão imediata do acordo do bloco com Israel. Porém, ficou isolado. A Hungria vetou qualquer avanço nesse sentido, enquanto a vice-presidente do

bloco, Kaja Kallas, buscou uma saída diplomática, segundo a imprensa espanhola.

Paralelamente, Sánchez apelou ao representante especial da UE para os Direitos Humanos, Olof Skoog, para preparar uma declaração sobre o caso. O texto cita o bloqueio israelense à ajuda humanitária, o elevado número de vítimas civis, os ataques contra jornalistas e os deslocamentos e destruição

causados pela guerra. De acordo com o Ministério da Defesa de Israel, 1.219 pessoas, a maioria civis, morreram.

Vulnerabilidade

Depois de dois meses de bloqueio, Israel começou a permitir a entrada limitada de ajuda ao território no final de maio, mas a distribuição tem sido marcada por cenas

caóticas e notícias quase diárias de forças israelenses atirando em pessoas que esperavam para receber comida. Sánchez, que está em Bruxelas, sugeriu à União Europeia a suspensão imediata do acordo de associação do bloco com Israel.

O governo do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, vai reparar aproximadamente US\$ 30 milhões (cerca de R\$ 165 milhões) e instou outros países a seguirem seu exemplo.

Além dos bombardeios, o Ministério da Saúde de Gaza denuncia que, desde o fim de maio, cerca de 550 pessoas morreram perto dos centros de assistência. A coordenação da ajuda está a cargo da Fundação Humanitária de Gaza (GHF; na sigla em inglês). Há relatos de que a organização, apoiada por Israel e Estados Unidos, é pouco transparente

“Aprovamos um financiamento de US\$ 30 milhões [R\$ 166 milhões, na cotação atual] para a Fundação Humanitária de Gaza. E convocamos os outros países para que também apoiem a Fundação Humanitária de Gaza e seu trabalho crucial”, afirmou à imprensa o porta-voz do Departamento de Estado, Tommy Pigott.

Israel bloqueou em março, por mais de dois meses, o fornecimento de alimentos e outros suprimentos essenciais para a Faixa de Gaza, o que gerou alertas de fome no território devastado. As agências da ONU e as principais ONGs que trabalham em Gaza se negam a colaborar com essa fundação que, segundo elas, militariza a ajuda. As operações da organização têm sido marcadas por cenas caóticas, mortes e problemas de neutralidade. A GHF nega que tenham ocorrido incidentes fatais nas proximidades de seus pontos de distribuição.

Na quarta-feira, a Organização Mundial da Saúde (OMS) anunciou ter realizado a entrega de suprimentos médicos em Gaza desde 2 de março, data em que Israel impôs seu bloqueio ao território palestino. As restrições impostas por Israel à mídia em Gaza e as dificuldades de acesso a algumas regiões impedem a AFP de verificar de forma independente as cifras dos socorristas e das autoridades do território palestino.

Casal perde 9 filhos no bombardeio

AFP



Militares israelenses alegam que atiraram porque havia suspeitas

Os médicos Hamdi al Najjar e Alaa al Najja perderam os nove filhos durante bombardeio no sul da Faixa de Gaza. Ele ficou grave ferido, ainda segue internado e sedado, ao tentar salvar as crianças. Já a pediatra estava de plantão no hospital Nasser de Khan Yunis, quando soube que a casa dela tinha sido alvo do exército israelense. Ao chegar ao local, ela se deparou com os corpos dos nove filhos carbonizados. O marido e o 10º filho escaparam, mas estão hospitalizados.

“Corri para a casa e a encontrei totalmente destruída, reduzida a um monte de escombros sobre seus filhos e seu marido”, disse à AFP a tia

das crianças Sahar al Najjar. Ao redor de Alaa, mulheres choram, enquanto o barulho das explosões ecoa. “Nove crianças estavam carbonizadas, irreconhecíveis”, acrescentou Sahar. “Não pude reconhecer as crianças entre os sudários”, disse chorando. “Seus rostos tinham desaparecido.”

A Defesa Civil da Faixa de Gaza confirmou que as crianças morreram durante ataque israelense. À AFP, o exército israelense informou que um avião “bombardeou vários indivíduos suspeitos de operar a partir de uma estrutura” vizinha à posição de seus soldados nesta área. “A afirmação sobre os danos causados a civis não envolvidos

está sendo avaliada”, acrescentou.

De acordo com pessoas próximas à família, o bombardeio aéreo foi realizado sem advertência na tarde de sexta-feira contra a residência familiar onde estavam as dez crianças com o pai, Hamdi al Najjar, também médico. “Meu irmão estava no chão, com a cabeça ensanguentada, a mão arrancada, coberto pelos escombros”, conta Ali al Najjar, irmão de Hamdi.

Hamdi passou por diversas cirurgias no hospital de campanha jordaniano, onde os médicos tiveram que remover grande parte de seu pulmão direito. Ele precisou da transfusão de 17 bolsas de sangue. Seu filho Adam ficou

gravemente ferido em um braço e sofreu queimaduras no corpo. “É uma perda imensa. Alaa está destruída”, diz Mohammed, próximo à família.

Mas Ali al Najjar está preocupado com o que vai acontecer com seu irmão quando despertar. “Não sei como dizer isso a ele. Devo anunciar que seus filhos morreram? Eu os enterrei em duas sepulturas”, acrescentou. “Não há lugar seguro em Gaza”, afirma. “A morte é melhor que este suplício.” Já a mãe, a média Alaa segue estado de choque e amparada por outras mulheres, muitas que também perderam filhos e parentes na guerra com Israel.

MISSÃO HISTÓRICA

Índia, Hungria e Polônia voltam ao espaço

A cápsula Crew Dragon, que transporta quatro astronautas da Índia, da Hungria, da Polônia e dos Estados Unidos, acoplou, ontem, na Estação Espacial Internacional (ISS) onde deve ficar por duas semanas. Após quatro décadas, uma tripulação da Axiom 4 consegue decolar da Flórida a bordo de um foguete Falcon 9 da SpaceX, empresa espacial de Elon Musk. Na imprensa indiana, o assunto foi destaque em todos os jornais, colocando o país entre as nações com programas espaciais bem-sucedidos e ressaltando que o piloto é um indiano.

Nos 14 dias que passará na estação, a tripulação vai realizar cerca de 60 experimentos, sobretudo com microalgas e tardígrafos (animais microscópicos conhecidos como ursos d’água). A expectativa é de que a missão Axiom seja uma sinalização para o primeiro voo tripulado planejado pela Índia em 2027.

Integram o grupo o indiano

Shubhanshu Shukla, o polonês Sławosz Uznanski-Wisniewski, o húngaro Tibor Kapu e a americana Peggy Whitson, ex-astronauta da Nasa que agora trabalha para a Axiom Space, que fornece serviços de voos espaciais privados. “A nave espacial Dragon se acoplou à Space Station às 6h31 ET (1031 UTC)” (7h31 em Brasília), informou a agência espacial americana (Nasa). O grupo foi recebido com abraços e em clima de festa no encontro.

Comemoração

O tom de comemoração se estendeu da imprensa indiana ao piloto, que sabe da importância da missão para as ambições espaciais da Índia. “Foi um voo fantástico”, disse Shubhanshu Shukla após a decolagem. “Não é apenas o início de minha jornada para a Estação Espacial Internacional: é o início do programa espacial tripulado da Índia.”

AFP



Confraternização: astronautas da Axiom 4 abraçam integrantes da Estação Espacial Internacional (ISS)

Os astronautas entraram na estação pela escotilha e foram recebidos pela atual tripulação da ISS em uma breve cerimônia de boas-vindas. “Estamos

honrados de estar aqui, obrigada”, disse Whitson durante uma transmissão ao vivo. A cápsula, a quinta e última Dragon da frota da SpaceX, foi batizada de

“Grace” após entrar em órbita.

Os três países financiam a missão de seus astronautas. A Polônia investiu US\$ 76 milhões (R\$ 421 milhões), segundo a Agência

Espacial Polonesa. Em 2022, a Hungria confirmou que aplicaria US\$ 100 milhões (R\$ 521,7 milhões, na cotação da época) para participar do projeto. A imprensa indiana informa que o governo da Índia gastou mais de US\$ 60 milhões (R\$ 332 milhões, na cotação atual).

A missão envolveu ainda uma disputa entre o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, e Musk — que ameaçou desmontar a cápsula Crew Dragon, mas acabou não levando a ideia adiante. Usada pela Axiom, a cápsula desempenha um papel crucial para a Nasa, visto que é a única espaçonave americana autorizada a transportar astronautas para a ISS.

O conflito entre ambos destacou a interdependência entre o governo dos EUA e a SpaceX, utilizada pela agência espacial americana e pelo Pentágono para enviar tripulações, cargas e satélites ao espaço.